

Populações refazem-se dos efeitos da seca e banditismo

• Retomadas as actividades produtivas

Depois de receberem a assistência médica, nos Centros de Reabilitação criados para as vítimas da fome e das acções selváticas do banditismo armado, as populações do distrito de Massinga, província de Inhambane, estão a retomar a sua vida normal. Com efeito, neste distrito, as populações anteriormente enfermas de doenças, iniciaram igualmente as suas actividades agrícolas.

As populações, em plena recuperação, estão acomodadas nos Centros de Reabilitação de Chilácua, na localidade de Rovene, de Nholoi e de Unguana, na localidade de Malamba.

Numa primeira acção, as mulheres, na companhia dos seus filhos, a refazerem-se das marcas das calamidades naturais, abriram uma machamba onde projectam produzir milho, entre outros cereais.

Os centros acima citados, assistem as populações provenientes das localidades de Funhalouro, Chicomo, Tome, Tsenane, Mavume e de Vilanculo. A ajuda alimentar para estas localidades é dada pela Comunidade Internacional.

No decurso do primeiro semestre deste ano, a Comissão Distrital de Prevenção e Combate às Calamidades Naturais em Massinga, distribuiu não só naqueles centros, mas também nas localidades de Funhalouro e de Tome, 236 toneladas de milho, 93 de ervilha, 1200 quilos de amendoim e igual quantidade de sal, 50 caixas de leite em pó, mais de duas toneladas e meia

de peixe seco, 4925 quilos de proteínas, 200 caixas de sopa pré-cozida e cinco mil unidades de coco fresco, para além de três fardos, contendo roupa diversa.

A Comissão Distrital canalizou ainda às famílias atingidas pela seca, 100 panelas, 600 enxadas, 100 machados grandes e 10 pequenos. Para abastecer as viaturas que irão distribuir os produtos a zonas mais distantes, foram doados mil litros de «diel-sel».

FALA O RESPONSÁVEL DO CENTRO DE REABILITAÇÃO

— Todas as pessoas que se sentem já recompostas fisicamente, recommençaram as suas actividades colectivas de produção agrícola. Ainda tomam parte na construção de casas — disse Arnaldo Matsinhe, responsável do Centro de Reabilitação da Localidade de Chilácua, quando falava ao nosso correspondente naquele ponto do País.

Arnaldo Matsinhe, como as restantes outras pessoas que ali se encon-

tram a reiniciar uma nova vida, foi vítima da selvajaria dos bandidos armados, na localidade de Chicomo, local onde residia anteriormente.

Ele relatou-nos como a sua vida foi posta em perigo pelos bandidos armados, quando invadiram a sua casa em meados do ano passado, tendo saqueado, na ocasião, todos os seus bens.

— Quando eles chegaram encontrava-me em casa. Eu já tinha ouvido dizer que eles haviam incendiado a localidade de Tome. Eu possuía 580 cabritos e tinha os celeiros cheios de milho, apesar da seca que assolava a região. Saquearam, incendiaram os celeiros e queimaram todos os meus cabritos — acrescentou Arnaldo Matsinhe.

Ele afirmou depois que passou a viver no mato, porque antes de saquearem os seus bens, foi fortemente espancado por ter-se recusado a entregar aquilo que eles lhe exigiram, na altura.

— Como no primeiro saque — conta Arnaldo Matsinhe — restaram

algumas galinhas, eles voltaram novamente à casa, mas desta vez eu tinha-me refugiado no mato. Só ouvi tiros do local onde estava.

Depois destes acontecimentos, eu, juntamente com a minha mulher, decidimos sair de Balata até Chicomo à procura de protecção junto das nossas Forças. Todavia, chegados ao local, notámos que não oferecia condições de segurança, dada a acção dos bandidos também neste local. Resolvemos, então, caminhar em direcção a Unguana, até chegarmos a Massinga.

BANDIDOS AUMENTAM O NÚMERO DE ÓRFÃOS

No Centro de Reabilitação de Chilácua, encontram-se a receber assistência médica, 16 crianças órfãs, cujos pais foram vítimas das acções bárbaras dos bandidos armados. Aquelas crianças estão sob o cuidado de algumas famílias ainda residentes no Centro de Reabilitação. Algumas já frequentam a Escola Primária de Chilácua.

Nos centros de Nholoi e Unguana, com 460 famílias, respectivamente, as pessoas já recuperadas encontram-se empenhadas na produção agrícola, como forma de garantirem a sua subsistência.